

# A TRINDADE POLITICA



O padre é d'elles



O filho é para estes



O espirito santo é para aquelles

E afinal tão bom é o padre, como o filho, como o espirito santo.

É A RESERVA  
PARA ESPIRITO SANTO

RAFAEL BORDALLO PINHEIRO



## O BILHETE DE AGRADECIMENTO DE SALAMANCA

Em seguida publicamos um artigo transcripto da *Cronica general de la Ilustracion Española y Americana* de 15 do corrente, que é a visita de agradecimento com que nos distingue aquelle jornal depois de approvado contra a opinião do nosso paiz o *contracto* que subsidiou um caminho de ferro em Hespanha:

«Hemos respetado siempre, y compadecido algunas veces, la mania portuguesa de soñar que España pretende apoderarse de aquel país é intriga constantemente para conseguirlo; y no hay medio de convencer á Portugal de que está tan seguro de nuestras redes, como esas señoras mayores que en las comedias creen que pelagra su virtud cuando nadie las persigue.

La mania se ha exacerbado ultimamente, con motivo del ferro-carril de Salamanca, cuya linea doble parece á algunos portugueses un monstruo de dos cabezas españolas que trata de devorarles á cuatro carrillos. Todo se vuelve *meetings*, gritería y alardes de independencia, faciles de hacer cuando nadie piensa en disputarsela.

Están en su derecho los partidos políticos de Portugal al inventar noticias absurdas que, cayendo en gente sin ilustracion, promuevan desórdenes y la agitacion que sus planes necesitan; pero tienen derecho á molestar á los vecinos, que sólo se acuerdan de ellos para prodigarles atenciones?

¿No se les ocurre nada más verosímil que suponerse vendidos al oro español por su monarca?

¿Tan poca idea tienen de su valor, que crean que los hemos comprado por un puñado de monedas? Hay cierta monotonía y alguna dosis de imprudencia en corresponder á la cariñosa neutralidad de España con esa quijotesca actitud, que si no nos hiciera sonreír, podría ofendernos á la larga? Tienen peligros por nuestra frontera? Pues construyan una muralla á ejemplo de los chinos, y no malgasten en hablar su energia patriótica. Portugal se ocupa demasiado de que limita al N. y al E. con España, y no advierte que toda nacion pobre que tiene muchas costas linda principalmente con Inglaterra.»



Ora aqui está como ao fim de poucos dias de se votar o *contracto* de Salamanca, nós somos tratados por um jornal do reino visinho!

Bastantes vezes, não o negamos, os jornaes portuguezes tem appellado sem razão para os brios patrióticos, mas agora, a proposito do *contracto* de Salamanca, ou todos ou os mais importantes limitaram-se a protestos contra a insensatez do nosso governo que em apuradas circunstancias do thesouro ia subsidiar um caminho de ferro em paiz estrangeiro. Podia esse paiz ser a Hespanha, a França, ou a Turquia, o protesto seria sempre o mesmo. Foi n'esta occasião que a *Ilustracion Española y Americana* viu alardes de patriotismo na guerra feita ao *contracto* de Salamanca e descobriu que ninguem em Hespanha tem pensado em attentar contra a independencia de Portugal.

Ninguem! Ninguem escreveu os livros em que se advoga calorosamente a união dos dois povos da península; ninguem, em numerosos artigos da imprensa defendeu a unidade ibérica; ninguem na tribuna parlamentar e até em jantares a que assistiam portuguezes, como succedem em Madrid por occasião do centenario de Calderon, ninguem feriu as nossas susceptibilidades com discursos offensivos dos nossos brios patrióticos. O chronista da *Ilustracion* não viu ninguem e só descobriu que nós deveríamos levantar uma muralha como a da China para nos defendermos contra os vãos temores de um attentado contra a nossa indepeñdencia.

Não serviria para nada a muralha da China porque mais fortes do que ella eram os Pyreneus e o exercito francez atravessou-os triumphante; mais fortes que todas as muralhas e que todas as cordilheiras é o direito, e Philippe II invadiu Portugal para se assenhorear de um throno que não lhe pertencia. E apesar de que as montanhas e o direito não detiveram as invasões, os brios patrióticos de que a *Ilustracion* chasqueia conseguiram repellir os invasores e escrever em letras gloriosas, na historia de Hespanha o 2 de maio e na de Portugal o 1.º de dezembro.



## O MEDO



Ha tempos que o Fontes caro  
Perdeu o nervo fogoso  
E anda assustado, medroso,  
Como as medrosas gazellas;  
Não póde o triste eximir-se  
D'este susto que o apouca,  
E toda a policia é pouca  
P'ra lhe guardar as costellas.



Traz sempre guardas comsigo,  
Quando almoça, quando janta,  
Quando se deita ou levanta,  
Quando penteia o cabelo,  
Quando calça meias limpas,  
Quando se pinta e se escova  
E veste farpela nova  
Para ir fallar ao ourello.



O 23 da terceira  
Faz-lhe o laço da gravata,  
O 10 prepara-lhe a orchata  
Se acaso a calma lhe abunda.  
O 16 da primeira  
E' quem a barba lhe escama;  
Dorme com elle na cama  
O 32 da segunda!...



Abre-lhe o 6 a marrafa,  
Põe-lhe o pó de arroz na cutis,  
O 12 calça-lhe os butes,  
Veste-lhe o 15 o roupão.  
Lava-lhe o 30 o pescoco,  
Quando esse luxo lhe quadra,  
E o proprio chefe da esquadra  
E' quem lhe arranja o toção!



De manhã, quando em Pedrouços  
Ia á praia tomar banho,  
Sentia um susto tamanho  
D'assaltos das alforrecas,  
Que não podendo entrar n'agua  
Escoltado p'la milicia,  
Mandou pintar um policia  
No reverso das cuecas!



De noite, puxa o lençol  
E o cobertor para os ouvidos  
E solta uns tristes gemidos  
Como de tímidas róis.  
Quando se passa ao pé d'elle  
Cheira mal como uma peste...  
— Ha dias em que elle veste  
Mais de seis par's de ceroulas!...

PAN.



Almas duras como seixos,  
Nem suspeita de maldade:  
Tanto sob a caridade  
Que chega as vezes aos queixos.





## OS RUFIOES



Estamos na Parvonia?  
 Estamos em Veneza, no tempo dos Doges?  
 Atravessamos as encruzilhadas da Ribeira do tempo de D. Affonso VI?

São bravi de Veneza ou rufiões d'El-rei os que saem ao encontro de quem passa pelas viellas da Ajuda? E' o Doge, que dorme lá dentro do grande palacio de marmore, ou é o filho de D. João IV que das janellas dos paços da Ribeira assiste aos assaltos nocturnos dados pelos seus rufiões? E' Antonio Conti, o genovez, quem commanda os guarda-costas de El-rei ou é qualquer aventureiro audacioso que commanda uma quadrilha de malfeitores?

Polícia de uma cidade civilisada não póde ser um troço de faíantes de jaleca e chapéu derrubado, que saem aos caminhos da Ajuda para apalparem os bolsos de quem vai passando, sem que o viandante tenha qualquer garantia de que elles não lhe attentem também contra a bolsa. O contra-almirante, que foi visorrei da India, não podia descer a commandar semelhante sucia. Archeiros d'El-rei, que trocassem as fardas encarnadas por aquelle disfarce, não póde ninguém suppôr sem faltar á veneração devida áquella respeitavel milicia de perna fina.

Se são malfeitores que saem ao viandante, o que é feito da apregoada energia do novo Cabo da Parreirinha que consente que officiaes do exercito sejam vilmente vexados e maltratados á vista do paço real por uns aventureiros de empresas nocturnas?

Que é feito do brio do exercito que não pede a punição severa dos criminosos? Porque não sai o sr. general commandante das guardas municipaes em perseguição da quadrilha? Não podemos suppôr que os poderes publicos sejam conniventes com os auctores da afronta feita a um official do nosso exercito e por isso esperamos no proximo numero annunciar aos nossos leitores que já se poderá passar pelo largo da Ajuda sem perigo de que ao viandante peçam a bolsa ou vida.



O Zé povinho, habilissimo,  
 E até capaz de prodigios,  
 Transforma em barretes phrygios  
 Uma capa do Santissimo.

Do Papa o exercito bravo,  
 Vendo tal irreverencia,  
 Atira-se á penitencia  
 E ás preces de desaggravo.



## CANÇÃO SENTIMENTAL

(A PARTIDA)

Seu coração fazia-se em fatias  
 A força de tamanhas tropelias.

PEDREIRA.

Zilu vai partir, e deixa  
 O seu povo immerso em magua,  
 Com os olhos razós d'agua  
 E de lencinho na mão.  
 Povinho, não te envergonhes,  
 Chora até p'los cotovellos,  
 Que os prantos são sempre bellos  
 Signaes de bom coração.

Zilu andava estafado,  
 Suava-lhe o seu topete;  
 Sonhava hoje co'o barrete,  
 Com o Saraiva amanhã;  
 Via spectros formidaveis  
 Carrancudos e tyrannos,  
 Uns com geitos mariannos,  
 Outros de fórma á Braamcamp.

Que faz Zilu? — arquejando,  
 Vergado a tão dura estafa,  
 No intimo peito abafa  
 Saudades do povo seu;  
 Diz: «Vou haurir novas brizas,  
 Que o sangue á tóla me acode...»  
 — Se podesse o que elle póde,  
 O mesmo faria eu!

E Zilu entrouxa a roupa,  
 Vae pelo mundo dar giros;  
 Deixa o seu povo em suspiros  
 E a bradar: — Zilu! Zilu!  
 Não te demores, amigo,  
 Vé que a dôr nos sobressalta!...  
 Fazes por cá uma falta  
 Que nem a imaginas tu!

## O FISCO

Quem ande á noite na pandega,  
 Não vá passar pela Ajuda,  
 Que ha lá dez guardas da alfandega  
 De apparencia façanhuda.

Quer o triste vá a pé,  
 Quer se transporte a cavallo,  
 Hade dizer-lhes quem é,  
 Hão-de por força apalpal-o!

Hão-de vel-o nu em pello  
 Dos pés até o toitiço;  
 E desgraçado d'aquelle  
 A quem se encontre um chouriço

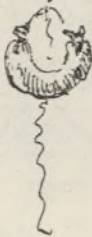
O Fontes trabalha activo  
 Para que no paço se evite  
 Algum chouriço explosivo,  
 Qual bomba de dynamite.

Quem passar a horas mortas,  
 Sem no apalparem não passa.  
 E' como quem chega ás portas  
 Levando conves p'ra a Praça...

Quem passar tome a medida  
 De fazer-se o necrologio...  
 Póde lá perder a vida,  
 Póde ficar sem relógio...

Ninguém vá por tal caminho  
 Á hora em que canta a c'ruja.  
 E melhor passar sósinho  
 Pelo pinhal da Azambuja...

Pan.









Extracto de uma correspondencia das *Caldas da Rainha* datada de 16 de julho e publicada no *Diario da Manhã* do dia 20:

### Corrida de vaccas offerecida ao condestavel

«A corrida começou á 1 hora da tarde, sendo feitas as cortesias por S. A. o snr. Infante D. Augusto a pedido de todas as senhoras.



O grupo a pé era formado pelos srs. condes da Louzã e Paço do Lumiar, Freitas Rego, Ribas, alferes de cavallaria 4, Tamagnini da guarda municipal, Victorino Frões, D. João de Mello, etc. S. ... fez as cortesias a passo e depois a galope tendo repetidas chamadas.»



Muito mais teria que dizer, para massada já basta. Continuarei a dar noticias. (Ainda bem).

### UM BANHISTA.



O Tinoco abdica e vae para Hespanha... pudera..... Os condestaveis fazem cortesias a passo e a galope tendo repetidas chamadas, e depois dizem... sim... que somos nós... que fazemos a coisa — que excitamos a bicha... sim, somos nós. —



Não passes á meia noite  
Da Ajuda junto ao solar,  
Pois que um terrivel dragão  
Anda o castello a rondar.

Desde que se esconde o sol,  
Até que o sol se levanta,  
Aquella sombra terrivel  
D'ali toda a gente espanta.

Vermelhos, féros, medonhos  
Vê-se-lhe os olhos bolir  
Como dois tições accessos  
Na escuridão a luzir.

Parece, pelo feitio,  
Bicho anti-diluviano;  
Houve até quem já de longe  
O tomasse pelo mano.

Pela calada da noite,  
No silencio, a horas mortas  
Ouve-se o passo da fera,  
Sente-se raspar nas portas.

Quando chega o lusco fusco,  
Sobe a ponte levadiça,  
Calafetam-se as janelas  
Fecha-se a porta massiça.

E nas frestas, nas ameias,  
Nas cavidades escuras,  
Brilham as pontas das lanças,  
Refulgem as armaduras.

A'lerta! — brada uma voz  
A cada quarto que dá,  
E ao longe, outra voz soturna  
Lhe responde: — A'lerta está!

A's vezes mesmo succede  
Que tudo de susto fuja  
Quando no cimo da torre  
Se ouve piar uma c'ruja.

De quando em quando, um — A's armas!  
Quebra o terrivel socego,  
Se acaso muito de perto  
Passa voando um morcego.

E ao ouvir aquella voz  
Ecoar na escuridão  
Accorda sobresaltado  
No seu leito o castellão.

Eriçam-se-lhe os cabellos  
Todo elle se atemorisa,  
E logo fóra da cama  
Salta em fralda de camisa.

E' que no velho solar  
A cada instante se espera  
Uma hydra temerosa,  
Uma sanguinaria fera.

Segundo todos os calculos,  
E de *Auguro* as profecias,  
Deve a fera sanguinaria  
Já matal-o um d'estes dias.

E' vermelha a bicha, afirma  
Quem a viu já uma vez.  
Tem garras de nihilista  
E ligados de irlandez!



(SEQUE)

BRILLANTINO





Diz alguém bem informado  
Que ella quiz fazer primeiro,  
N'uma estação junto ao Tejo,  
Bolos de salamanqueiro.

Outro narra-lhe, em segredo,  
As façanhas petroleiras,  
E diz que, de archote em punho  
Anda a deitar fogo às eiras.

Agora porém o fito  
D'aquella fêra finoria  
E' dar um salto no rei...  
E levar a banca á gloria!

O que inda apesar de esforços  
Se não poudé averiguar,  
E' se a tal hydra terrível  
Irá por terra ou por mar.

As armas de que se sirva  
Tambem não se sabe ao justo:  
E' porém muito provavel  
Que o faça morrer... de susto!



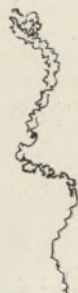
### O DEFENSOR DAS INSTITUIÇÕES

Vencerei não só estes adversarios,  
Mas quantos a meu rei forem contrarios.

CAMÕES.

Generalsinho  
Muito espertinho,  
Pequerruchinho,  
Mas valentão;  
Treme a bichinha  
Que se abespinha,  
Quando caminha  
Meu batalhão.

Meu rei loirinho,  
Descançadinho  
Chupe o seu vinho,  
Coma o seu pão,  
Guardo-lhe a pinha,  
Salvo a egreginha  
Co' esta espadinha  
De papellão.



## UM HERCULES



OSR. OLIVEIRA E SILVA EA  
SUA ESPINGARDINHA DE CAÇA  
— HUMA BOA SUBSTITUIÇÃO DA  
MURALHA DA CHINA

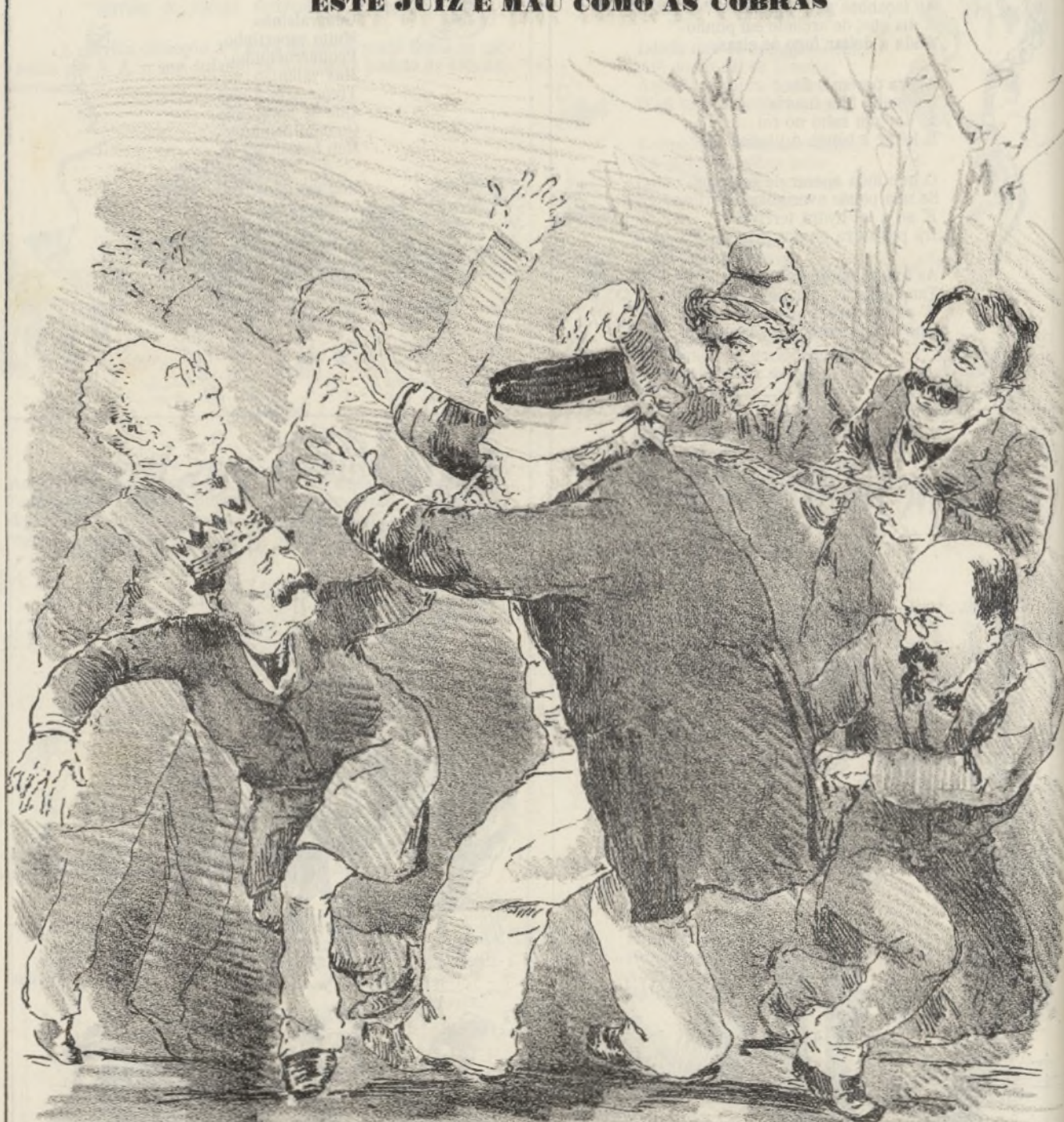
## COLYSEU DOS RECREIOS BARBEIRO DE SEVILHA DE PAISIELLO





# A SITUAÇÃO O JOGO DA CABRA-CEGA

ESTE JUIZ É MAU COMO AS COBRAS



RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

ADIVINHA QUEM TE DEU?